Enunciação da teoria crítica de Theodor Adorno a partir da estrutura lógico-formal da Dialética Negativa

Enunciation of Theodor Adorno's critical theory from the logical-formal structure of Negative Dialectics

Cleidson de Jesus Rocha¹

RESUMO

O artigo pretende mostrar o teor das aulas ministradas por Theodor Adorno, sobre a Dialética Negativa, no inverno dos anos de 1965/1966, centrando atenção à contraposição de Adorno ao idealismo hegeliano, que delinea condições para a afirmação da dialética negativa; na discussão de algumas categorias de uma dialética negativa; na negação dos sistemas como garantia filosófica e na intenção de uma teoria crítica a partir da linguagem. O artigo busca organizar as ideias de Theodor Adorno sobre a dialética negativa em um texto expositivo, que apresenta e discute o conteúdo das lições ministradas.

Palavras-chave: Adorno; Dialética Negativa; Teoria crítica.

ABSTRACT

The article intends to show the content of the classes taught by Theodor Adorno, on Negative Dialectics, in the winter of 1965/1966, focusing attention on Adorno's opposition to Hegelian idealism, which outlines conditions for the affirmation of negative dialectics; in the discussion of some categories of a negative dialectic; in the denial of systems as a philosophical guarantee and in the intention of a critical theory based on language. The article seeks to organize Theodor Adorno's ideas about negative dialectics in an expository text, which presents and discusses the content of the lessons taught.

Keywords: Adornment; Negative Dialectics; Critical theory.

¹ Universidade Federal do Acre – Ufac.

*E-mail: cleidson.ufac@gmail.com

INTRODUÇÃO

Theodor W. Adorno ministrou um curso sobre a Dialética Negativa no inverno dos anos de 1965/1966 pouco antes de que fosse publicado seu importante livro homônimo, que foi concluído em 1966 e publicado um ano depois. A obra, em sua versão espanhola, com tradução de José María Ripalda, traz uma especificidade em relação a versão brasileira de 2009, traduzida por Marco Antônio Casanova. Dividida em 3 partes, o texto brasileiro organiza-se de forma contínua, sem subdivisões temáticas. As partes são divididas em subítens, sendo: dois para a parte I, (1. A necessidade ontológica e 2. Ser e existência); Parte II (Dialética negativa: conceito e categorias) e parte III (1. Liberdade; 2. Espírito do mundo e história natural; 3. Meditações sobre a metafísica). A versão espanhola traz uma subdivisão temática, a moda dos afosismos constantes na *Mínima Morália* (1993). Assim, a Introdução é subdividida em 25 unidades temáticas; a primeira parte dividida em 29 subítens; A parte 2, em 32 unidades, e a terceira parte em 70 unidades.

O curso ministrado por Adorno sobre a dialética negativa, foi acessado por Rolf Tiedemann, que teve acesso ao material e relata que as aulas eram geralmente gravadas em fita, que foram depois transcritas. Algumas dessas transcrições, adequadamente revisadas e anotadas, foram publicadas na série dos escritos póstumos de Adorno, pelo mesmo Rolf Tiedemann. Das 25 aulas ministradas no inverno de 1965/1966, apenas 10 delas foram salvas, por causa de uma falha em uma das fitas magnéticas. Adorno costumava escrever algumas anotações manuscritas, de natureza muito sintética, que serviam de roteiro nas explicações de suas aulas. Estas notas estão mantidas e conservadas no Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt e em fotocópias, no Arquivo Walter Benjamin em Berlim. Rolf Tiedemann editou, no ano de 2007, as lições sobre Dialética Negativa, corrigindo e anotando as transcrições das fitas magnéticas preservadas e transcrevendo as notas manuscritas de Adorno.

Aqui apresentamos o teor das últimas aulas ministradas por Theodor Adorno sobre a Dialética Negativa, expresso nos manuscritos laboriosamente transcritos por Rolf Tiedemann, centrando atenção ao conceito de uma dialética negativa; na transição para a dialética negativa a partir da crítica da filosofia atual, particularmente as abordagens ontológicas e na apresentação de algumas categorias de uma dialética negativa. O artigo

busca organizar as ideias de Theodor Adorno sobre a dialética negativa em um texto expositivo, que apresenta e discute o conteúdo das lições ministradas.

Aproximação ao conceito de dialética negativa: Adorno contra Hegel

O que se supõe como *dialectica negativa* não pode ser entendida como a identidade que resulta do esquema triplo operado pela tradição dialética, especialmente a hegeliana – tese, antítese e síntese, sendo esta última sinônimo de identidade entre sujeito e objeto –, mas sim, como a não identidade entre estes dois polos, ocasionada pela postura de resistência que nega a subsunção do objeto pelo sujeito e vice-versa. Nos dizeres de Adorno, “a expressão ‘dialética negativa’ subverte a tradição”, pois “já em Plão, ‘dialética’ procura fazer com que algo positivo se estabeleça por meio do pensamento da negação; mais tarde, a figura de uma negação da negação denominou exatametne isso” (Adorno, 2009, p. 7).

A dialética para Adorno, refere-se à fibra do pensamento, à estrutura interna, não a uma disposição arquitetônica, que avança de pilar em pilar, até a construção de um edifício seguro pelo conceito que resulte desse movimento. Nesse sentido, “o livro gostaria de libertar a dialética de tal natureza afirmativa, sem perder nada em determinação” (Adorno, 2009, p. 7). A contradição que movimenta os polos da dialética hegeliana – tese, antítese e síntese – na dialética negativa, deve alojar-se na própria estrutura do pensamento. Assim, o pensar em Adorno, implica: 1) comportar-se negativametne em relação ao conceito, uma vez que este contradiz sua própria natureza, pois suprime o *mais* que deixa escapar da coisa; 2) Constatação da natureza plenamente contraditória da realidade, especialmente a social, sendo que os momentos que marcam a realidade de forma antagônica são aqueles que relacionam o espírito, o conceito, o antagonismo.

As estratégias de domínio da natureza sempre foi interesse dos processos de esclarecimento, como Adorno denuncia desde a *Dialética do Esclarecimento* (1985), obra em que alegar que a ciência moderna comporta-se como ideologia e/ou mero instrumento a serviço da ordem existente (Adorno, 1985, p. 12). Assim, o entrelaçamento da racionalidade à realidade social canaliza-se em direção à identidade, forjada no conceito, que, nos moldes de uma razão instrumental, elimina o sujeito, que perde-se na sua identificação com o objeto. A eliminação do sujeito resulta da regressão da consciência, que no limite, opera as condições para a recaída em uma real barbárie. Esse processo de

identificação sujeito e objeto, advém da operação da força mítica, que procede de uma total menoridade social dos sujeitos.

Por isso, a dialética negativa para Adorno, não é uma ficção arbitrária, e não é uma visão de mundo, nos modos das suas duas versões mais conhecidas: o idealista e o materialista. Mesmo assim, alguns autores acusam Adorno de promover a negação do sal dialético, supostamente alimentado pelo trânsito dos polos que movimentam o pensamento, conforme a tradição idealista (tese, antítese e síntese). Esta crítica mobiliza Adorno a responder porque, se toda dialética é negativa, por que chamar uma assim?

Acontece que para Adorno, em Hegel, a dialética é positiva. Lembremos que a matemática nos ensina que menos por menos é mais, e assim, a negação da negação deve ser afirmação. O positivo, que resulta da negação da negação, é propriamente o elemento criticado por Adorno como imediatismo, subjetivismo abstrato, e que só opera como tal (positivo), porque é necessário para a autopreservação do sujeito, que ilude-se achando que o positivo destrói a aparência das coisas, através de um momento de objetividade. O sujeito se faz sujeito quando é capaz de conceituar, pois assim, pensa distinguir os elementos e o ser dos objetos. Neste momento, o ser-em-si do sujeito se pensa mais elevado. Para Adorno, contudo, este momento da conceituação é produto da maneira coercitiva e repressiva que delimita o pensar dos indivíduos. A negação da negação não resulta mais em positividade segura, mas sim organiza-se como uma positividade abstrata, uma vez que é produto das ideologias arbitrariamente arquitetadas. Assim, o desejo de positividade é entendido como fetiche, isto é, não responde ao que foi afirmado e, precisamente por isso, é o negativo, isto é, está sujeito à crítica. Esta é uma das razões, e não a última, que levou Theodor Adorno à concepção de uma dialética negativa, que se apoia na premissa de que uma suposição positiva de significado não é mais possível sem mentiras (quem pode ousar dizer, depois de Auschwitz, que a vida faria sentido?!).

Então a construção teórica de uma positividade não é mais possível a partir da quintessência das negações. Portanto, a dialética negativa é essencialmente crítica e em sentido múltiplo: a) Como crítica da reivindicação da identidade do conceito e da coisa. b) Como crítica da ideologia e c) Como crítica da realidade antagônica e que tende potencialmente à sua aniquilação.

A crítica própria da dialética negativa também se refere ao materialismo dialético, na medida em que é postulado como uma ciência positiva, com leis que têm pretensão de objetividade e operam no sentido de fazer cumprir um roteiro de

transformações revolucionárias, cuja efetividade de sua realização é mais ou menos previsível, a depender do nível de consciência política dos proletários. Diz Adorno:

A un positivista no le resulta difícil acusar de especulativo al materialismo de Marx, que parte de leyes naturales objetivas y no de datos inmediatos o aserciones académicas. Hoy día es más conveniente – vale para limpiarse de la sospecha de ideología – llamar a Marx metafísico que designarlo como el enemigo de la propia clase (Adorno, 1975, p. 24).

Apesar dessa concessão em relação a crítica dos positivistas a Marx, Adorno considera o materialismo histórico messiânico, razão porque a dialética negativa o alcança como crítica sem contemplação, assim como de tudo o que existe. “Pero el suelo firme se convierte em um fantasma cuando la pretensión de verdad exige que nos elevemos por encima de él” (Adorno, 1975, p. 24).

Na Dialética Negativa o conceito de positividade é tratado como sendo dono de um espectro abstrato, relacionado ao que Adorno chama “culto do Ser”. Para ele,

hay ciertas categorias a las que la ontologia fundamental debe su resonancia, y por eso reniega de ellas o las sublima de modo que ya no sirven para una confrontación incómoda; en ellas mismas se revela hasta qué grado son huellas de algo ausente e improducibile, de lo cual constituyen la ideologia complementaria.(Adorno, 1975).

Diante dessa necessidade manifesta pela ontologia tradicional, de engajar-se na busca do caráter afirmativo (conceitual) dos objetos, a própria crítica se tornaria suspeita. Dessa maneira, a necessidade de inversão do objetivismo ontológico, “al pecado original de la metafísica” (Adorno, 1975, p. 74), torna-se a missão da dialética negativa, atuando como resistência, como negação determinada, ou seja, como a crítica imanente que confronta o conceito com o seu objeto e vice-versa. Contudo, o desengano da aspiração ao caráter afirmativo, ou seja, a negatividade, não é boa em si mesma, mas funcional enquanto mantém aceso o teor especulativo. Diz Adorno: “La filosofia no puede prescindir de la especulación, que conoció sus días de gloria en el Idealismo y con él cayó em desgracia; esto vale incluso después del fin del Idealismo y aunque la especulación deba ser entendida en un sentido más amplio que el demasiado positivo de Hegel” (Adorno, 1975, p. 24). Por isso, deve-se considerar apenas o que está nas coisas, e não as impressões que sobre elas se forjam no espírito, como ideologia. Recomenda-se, assim, todos os cuidados em face do abuso narcísico que sempre toca o sujeito, dilatando a pretensão de reconhecimento e conceituação. Em Hegel a positividade da dialética está, por sua vez, no sujeito, no espírito e sua *τέλος*, suporta o sistema.

Su guía es el impulso expresivo del sujeto. La necesidad de dejar su elocuencia al dolor es la condición de toda verdad. Y es que sufrimiento es objetividad que pesa sobre el sujeto; lo que éste experimenta como lo más subjetivo, su propia expresión, está mediado objetivamente.” (Adorno, 1975, p. 26).

A exposição na filosofia não lhe é indiferente e extrínseca, muito pelo contrário, é imanente a sua própria ideia. A expressão, a linguagem, é a única forma de objetivar todo seu componente expressivo. A liberdade da filosofia é exatamente a capacidade de encontrar meios de expressar a sua falta de liberdade. Diante disso, desenham-se as questões que Adorno tenta responder mediante o desenvolvimento do pensamento:

1) Uma dialética negativa é possível? Ou seja, como validar a negação sem o estabelecimento do positivo que a acompanhe? O que resulta da negação da negação? A questão que parece dirigir-se a audácia de um pensamento não linear, que organiza-se em constelação, em vez de seguir na trilha triádica tradicional, visa preservar o culto do ser, ou pelo menos o atrativo que essa palavra exerce como algo superior. A maior das reservas contra a posição de Adorno em relação ao caráter afirmativo da ontologia, advém do fato de que é exatamente este aspecto que sustenta a ontologia até onde ela conseguiu chegar.

2) Existe dialética sem um sistema? De acordo com o conceito tradicional de filosofia, todo pensamento que não seja um sistema, é condenado ao fracasso. Em função disso, o autor apresenta a distinção entre *sistemática* e *sistema*. A *sistemática* é uma forma de expressão unitária em si, um esquema no qual há um escopo completo, uma organização da razão subjetiva. *Sistema* é o desenvolvimento da coisa em si, a partir de um princípio, de forma dinâmica e total, "com isso nada é deixado de fora". A necessidade do sistema é tanta que hoje se aceita inadvertidamente a sistemática como seu substituto. Isso implica na situação de que todos os fatos encontram seu lugar fixo em uma área, em um esquema de ordem abstraído previamente dos fatos, tomado pela explicação. Essa necessidade pressupõe que também as imagens intelectuais apresentadas como anti-sistemáticas ou asistemáticas sejam, de maneira latente, um sistema.

A dialética negativa é, nesse aspecto, a consciência de sua modificação, e, como tal, não resulta do pensamento casual, arbitrário, nem da falsa positividade, mas se dirige, de certa forma, para a resistência. Em vez do sistema, coerção da coisa, transforma-se em crítica do particular, que implica, como dissemos acima, tanto em crítica do conceito quanto da coisa. E assim, a força liberada na fuga do particular transmuta-se em condições

para que os fenômenos não sejam classificados em categorias fixas, mas sim sejam vistos como um todo coerente, premindo-se deles mesmos a própria verdade, em sua determinação mais íntima, e o método para isso deve ser uma dialética negativa.

Dessa maneira, a filosofia, que nas teses sobre Feuerbach parecia ultrapassada por não lançar-se às intervenções sociais, tonaliza-se, na dialética negativa, na completa interação teoria e prática. Não se pense que a filosofia seria deixada para trás depois do aspecto de sua realização, instrumentalizando-se unicamente com as interferências da prática social e positivando-se para corresponder aos processos de adaptação, indissociável do progresso social, que realiza-se com o aumento da produtividade econômica, anulando a condição do indivíduo face ao poder econômico. Ao contrário disso, o caráter da dialética negativa, que põe por terra a aspiração ao pensamento positivo, faz mais necessária sua realização, uma vez que a dinâmica do modo econômico, torna impossível aos indivíduos acompanhar o movimento das coisas, para, ao final, ter delas a síntese.

Assim, diz Adorno, citado por Safatle (2019, p. 46): “A dialética é ambos, um método do pensamento, mas também algo mais, a saber, uma estrutura determinada das coisas”. Impele, assim, o pensamento, a “ouvir a estrutura das coisas.” A correspondencialidade entre pensamento e coisa, implica uma relação estreita, sem nenhuma dicotomia entre teoria e prática. Essa relação, segundo Adorno, precisa pautar-se pelas seguintes condições: a) Nenhuma restrição de pensamento pode ser inferida da práxis, incluindo aí os idealismos, mesmos diante do risco eminente de uma falsa práxis; b) Interpretar significa esclarecer, não necessariamente reconhecer. Para Adorno, interpretação é crítica, sem a qual não existe uma práxis verdadeira; c) O pensamento em si é um momento da práxis, e não, mera contemplação. A própria reflexão de por que o momento revolucionário não se deu ainda, já é filosofia.

Assim a filosofia que faz naufragar a demanda por identidade, ou seja, a dialética negativa, é decisiva. Diz Safatle: “[...] a imanência própria à dialética só se realiza à condição de um colapso das estruturas de ligação e determinação derivadas do Eu como fundamento” (Safatle, 2019, p. 46). O trânsito do pensamento à práxis, requer uma autocrítica radical. Esse exercício faz ainda possível a filosofia. A dialética negativa, na medida em que opera a tentativa de tomar em si o não-conceitual, de estender, portanto, a filosofia ao essencial, que a tradição oculta em sua forma afirmativa, incide em uma nova maneira de interpretar e transformar o mundo.

Virada metacrítica frente à *prima philosophia*: algumas categorias de uma dialética negativa

Para Adorno, a tradição filosófica tem se ocupado de gabar-se do infinito como meta de suas buscas, não estando ciente de seus objetos, pois lida com o fantasma de uma totalidade inalcançável. Objetos como as obras de arte, por exemplo, não necessariamente se desdobram em uma interpretação filosófica. O alcance de seus sentidos não pode ser previsto como desenvolvimento regulado da abstração. Isto seria técnica num sentido muito amplo. Assim, não tendo objeto garantido, a filosofia pode sempre perder-se de acordo com os princípios que norteiam a experiência social. Confrontada com a totalidade do método, a filosofia contém essencialmente um momento de jogo, que a cientificação gostaria de expulsar dela: a inquietação inicial, o *pathos*, o exílio na dúvida. Enquanto as ciências positivas se refastelam em resultados objetivos, grande parte deles, expressados em forma numérica, a filosofia continua buscando o infinito e a contradição. Esse é seu itinerário: desrespeitar o sossego.

A filosofia, embora também se faça a partir de muitos motivos diferentes, não é acidental. Assim, não perfila-se em apoio às intuições, mas à crítica destas; as denominadas intuições não são qualitativamente diferentes enquanto conhecimento, elas não são um raio de luz focando de cima para baixo. Embora reiviniquem legitimação de discursos e práticas, a filosofia as alcança, em um momento de ocorrência da crítica. Essa ocorrência é que dá movimento à filosofia, não para a sequência de um trânsito linear que vai do desconhecimento ao conceito, mas como constelação de conhecimentos pré-conscientes, encaixando-se nos procedimentos da crítica.

A filosofia, em sua itinerância em busca do conceito, depara-se com um muro entre ela e esse anseio. Para Adorno, o conceito nega saudade, na medida em que nutre a impressão de que a jornada do sujeito em direção ao objeto, chega ao fim. Por isso, a dialética negativa quer ir além do conceito através do conceito. A filosofia não pode escapar da especulação, mesmo após a rejeição do idealismo. A saudade permanece mesmo diante da presença de uma compreensão sobre a coisa, mesmo diante de um dado juízo que pretende definir os objetos. O fantasma de um terreno seguro deve ser rejeitado, como pretensão da verdade.

A filosofia é a força da resistência porque não se deixa reduzir a pseudo verdades, que afixem conceitos e certezas. Filosofia como resistência requer mediação e assim, qualquer tentativa de dizê-la de maneira imediata decai em profundo vazio. Sua profundidade é um momento da dialética, e de modo algum uma qualidade isolada, um recuo para a interioridade. Para Adorno, hoje em dia, a medida de profundidade é a resistência, é o não contentar-se com o superficial. A isso também pertence o fato de que nada é considerado tão profundo ao entendimento, que mereça ser consagrado como verdadeiro. Adorno contesta como antifilosófica, a satisfação com o que é dado, ou com alguma teoria que o explique. O excedente especulativo de pensar sobre meros seres é sua liberdade, fundamentada na necessidade de expressão do sujeito: que os sofrimentos sejam falados em voz alta. Este é o alicerce de toda profundidade.

A dialética negativa quer ser a expressão mais subjetiva, objetivamente mediada, precisamente através do sofrimento, no qual o curso do mundo está contido. Em razão disso, sua exposição é imanente à sua ideia. A filosofia sem exposição perde expressividade e nega sentido. Somente a exposição faz jus ao momento mimético, ao contraponto do momento conceitual. Ela dá voz ao que não é livre. Não há filósofo importante que não seja um escritor importante. Disso decorre o zelo que o filósofo deve ter para não hipostasiar a realidade através da linguagem, dando espaço para que coisas abstratas ou fictícias se apresentem como concretas e objetivas. Como um momento positivo, se isolado, a expressão degenera em uma cosmovisão. Sem expressão, enquanto exposição, a filosofia é nivelada com a ciência, fechando-se em cânones acadêmicos herméticos. Adorno ensina que expressão e rigor não são possibilidades dicotômicas. Eles precisam um do outro, um não é possível sem o outro. A expressão, graças ao pensamento, está isenta de sua arbitrariedade. Pensar é também procurar a expressão correta, pois a expressão é o corretivo da reificação do rigor, que se autonomiza frente ao estar-aí subjetivo.

Para Adorno (1985) a ciência atual se fez ideologia, mero instrumento a serviço da ordem existente. Mesmo as tendências opostas à ciência oficial também estão presas ao processo global de produção. O território da crítica, delegado à filosofia, perdeu seu lugar, na medida em que aderiu ao pensamento triunfante. Nesses termos, o pensamento, ordenado pelas direções dominantes, se vê privado de sua condição de combate à infâmia. Assim, diz Adorno (1985, p. 12):

As metamorfoses da crítica na afirmação tampouco deixam incólume o conteúdo teórico, sua verdade volatiliza-se. Agora, é verdade, a história motorizada toma a dianteira desses desenvolvimentos intelectuais e os porta-vozes oficiais, movidos por outros cuidados, liquidam a teoria que os ajudou a encontrar um lugar ao sol, antes que esta consiga prostituir-se direito.

E segue o autor: “Ao tomar consciência de sua própria culpa, o pensamento se vê por isso privado não só do uso afirmativo da linguagem conceitual científica e cotidiana, mas igualmente da linguagem da oposição” (Adorno, 1985, p. 12). Nesses termos, uma das diretrizes da dialética negativa é tornar explícita a negatividade implícita nos julgamentos sobre os objetos. As formas intelectuais querem ir *a priori* além daquilo que está presente, como o momento da síntese nos mostra. A dialética negativa se faz resistência, por meio de um pensamento que peleja para que o seu material não seja apenas o domínio da natureza que se tornou espiritual. A filosofia é a consciência dessa inconsciência.

Outra prerrogativa da dialética negativa é entender o conceito a partir de uma constelação de conceitos. Mais do que apenas "dialética aberta", sem pretensão de ser conclusiva, trata-se de uma diferença qualitativa, pois as categorias que dela emergem, se transformam. Na dialética aberta, o momento da verdade da dialética idealista é insuficiente para a imersão da consciência, que salta mais eficazmente, frente às ruínas e a angústia do caos, experimentada na vivência social e política, embora, segundo Adorno, a emancipação incompleta tema a mais completa. O que se diz liberdade, só se completa na emancipação completa. Quando não, produz apenas uma caricatura de liberdade.

Negação dos sistemas como garantia filosófica

O sistema é a previsão através do postulado de sua abordagem. Ele coloca os pensamentos frente a cada conteúdo de maneira absoluta e volatiliza tendencialmente todo o conteúdo em pensamentos de um modo idealista, antes de toda argumentação. Mas, para Adorno, estas críticas não liquidam simplesmente o sistema. Primeiro, por causa de sua adaptação ao mundo. Unidade e unanimidade são, ao mesmo tempo, a projeção tendenciosa de um estado reconciliado, não mais antagônico, nas coordenadas do pensamento narcisista dominante. Em segundo lugar porque o duplo sentido do sistema (unidade e unanimidade) não deixa outra escolha senão transpor a força do pensamento, na determinação de momentos particulares.

Este trânsito para o que não está determinado como dado objetivo, mas reside em uma esfera extratemporal, representa uma imersão da consciência nos fenômenos e resulta em indeterminações. Por isso, diz Adorno: “apenas pensamentos que não se compreendem a si mesmos” são verdadeiros. O pensamento que se compreende já está além de si mesmo e, nesse sentido, não é verdadeiro. Com isso, a dialética se transforma qualitativamente, desintegrando a unanimidade sistemática. O fenômeno já não seria o que era em Hegel, correspondência do seu conceito. Uma das tarefas da dialética negativa é desdobrar essa transformação qualitativa. Portanto, mais trabalho e esforço de pensamento é exigido do que no sistema, onde a organização dos dados é estrangulada pela própria forma de pensar ordenadamente. Portanto, não é mais fácil, mais à vontade, como quer o preconceito acadêmico, pois o ideal da filosofia é a interpretação, embora isto tenha sido um grande tabu segundo seu conceito tradicional.

Daí sua força especulativa, que reside no ato de dar o salto indissolúvel, não como em Hegel, na negação da negação, mas enquanto traço especulativo que continua a viver. O que uma vez superou legitimamente o particular no sistema, tem seu lugar no descoberto. O olhar que encontra no fenômeno mais do que ele realmente é, meramente, e só assim apreende o que é, seculariza a metafísica. O pensamento de que nada deveria hipostatizar positivamente fora do procedimento dialético, ultrapassa a linha do objeto, com o qual já não parece ser um. Ao contrário, passa por cima da linha de abstração.

A eliminação das qualidades subjetivas sempre corresponde também a uma redução do objeto. Quanto mais as reações são suprimidas como meras subjetividades, mais se suprimem as determinações qualitativas da coisa, por exemplo: em um questionário no qual as questões totalmente imaginativas que levaram à coisa forem eliminadas e restarem aquelas que nivelem o resultado com o que se esperava de antemão, esvazia dados subjetivos, negando à dialética o conhecimento qualitativo, que lhe interessa. Os momentos qualitativos são eliminados pelos métodos científicos objetivos, produzindo um empobrecimento do assunto, por meio da quantificação, que pretende fundar teorias filosóficas, mas decretam, assim, o seu próprio final. O que importa não é a verdade, mas o procedimento eficaz

Já na *Dialética do Esclarecimento* Adorno (1985) discute a instalação de um processo contra os universais, que, segundo depreende de Platão e Aristóteles, servem para assegurar confiança em alguma verdade protetora, através da explicação dos fenômenos. A autoridade dos universais é consequência do medo dos demônios. O

esclarecimento reconhece como ser e acontecer o que se deixa captar pela unidade, sistema do qual se pode deduzir cada coisa. Por isso, o número tornou-se o cânon do esclarecimento: “para o esclarecimento, aquilo que não se reduz a números e, por fim, ao uno, passa a ser ilusão” (Adorno, 1985, p. 13).

Em relação a exigência de um quadro de referência que sustente o sistema, ocorre que sob este escopo, tudo é capturado, tudo está incluído. Um exemplo pode ser dado com Descartes, que introduz a geometria analítica/sistema de coordenadas, onde tudo encontraria seu lugar. Nisto está a quantificação do que é espacialmente visível. Verdade é, neste caso, apenas o que é entregue enquanto correspondente às regras praticadas. Contudo, a experiência em aberto é, para a dialética negativa, vertiginosa, pois excita o pensamento a conhecer, com a liberdade de escolher o melhor caminho.

A crítica à preponderância do método é, em si, uma crítica imanente, pois, caso contrário, se incidiria em dogmatismo. Toda filosofia, também aquela com a intenção de liberdade, carrega consigo a não-liberdade. O consolo vem do fato de que, para Adorno, o pensamento se elevaria acima do método, à medida que se torna consciente da dialética da coerção e da arbitrariedade. O pensamento tem em si mesmo a coerção e rigor, como proteção contra a repressão e arbitrariedade, pois ele é capaz de conhecer com rigor o próprio caráter coercitivo. A preponderância do conteúdo se expressa necessariamente como falha do método. Ele nunca tem sua legitimação em si mesmo, mas apenas em sua execução.

Na linguagem, a intenção de uma teoria crítica

A força da dialética negativa é a do não realizado na coisa, que salta dela para a linguagem. Contudo as palavras continuam a ser conceitos, não são as coisas mesmas de acordo com a sua ideia. São nomes. Há uma lacuna entre elas e as próprias coisas, pois a palavra mais exata não é idêntica a coisa mesma. Isso corresponde a uma camada de relatividade e arbitrariedade, tanto na escolha da palavra quanto na exposição como um todo. Assim, nenhum conceito é, enquanto universal, idêntico ao que significa e com o que quer ser idêntico mediante a cópula. O conceito tem deficiências determináveis. Isso causa a sua correção mediante os outros. A esperança do nome está na constelação dos conceitos que cada um deles reúne em torno de si para sua correção

Pensar é a internalização da história. No entanto, porque não há tempo sem o temporal, o existente, a historicidade interna do pensamento não permanece como uma forma pura. Ela entrelaça-se com o seu conteúdo e precisamente isso é chamado de tradição. O sujeito puro, absolutamente sublimado, seria um ponto, isto é, algo absolutamente sem tradição. A atemporalidade ou a não consciência do próprio tempo, ofusca a consciência, inibindo qualquer possibilidade de autonomia. O pensamento tem que mobilizar a tradição imanente; precisamente isso é chamado de experiência intelectual.

A dialética deve salvar criticamente o momento linguístico, por meio da precisão da expressão, pois a linguagem é algo que separa o pensamento e a coisa, mantendo entre eles apenas os elos que os expressem enquanto polos distintos, mas integrados pela expressão. Este é o momento da verdade da fenomenologia como análise dos significados da linguagem. A precisão da expressão corrige o que é apresentado como falta de pensamento.

Contudo, antes da expressão, o pensamento precisa ser restaurado em forma e conteúdo. A experiência objetivante da sociedade de consumo, que anula a ocorrência do momento crítico e criativo, impondo um “cativeiro objetivo do sujeito dentro de si” (ADORNO, 1995, p. 199), precisa dar lugar a emergência da teoria crítica como chave para a definição de uma nova postura capaz de romper com o “estado em que o pensamento inevitavelmente se converte em mercadoria e a linguagem em seu encarceramento” (Adorno, 1985, p. 12). Assim, mesmo diante da objetificação dos indivíduos, que os põem debilitados, ainda assim são sujeitos e sem eles não há objeto.

Considerações finais

Entre os sentidos da dialética negativa de Theodor Adorno, encontra-se aquela que o próprio autor enuncia, justificando sua formulação: “Dialética Negativa es un atentado contra la tradicion”. Isso implica a instauração da crítica à ontologia tradicional, como a prioridade do pensamento concreto, que deve encontrar seu lugar, no desacreditado cenário de incertezas contemporâneas. Esse lugar da crítica, contudo, não é estanque, temporal e preso às estruturadas da história, mas atemporal, tanto nas perguntas quanto nas respostas que busca.

Enquanto procedimento, a dialética negativa questiona o caráter afirmativo da ontologia, delimita o estado de decadência do sujeito, demonstra as limitações do

objetivismo ontológico em sua aspiração à verdade, protesta contra a coisificação do sujeito e a falsa consciência que limita sua experiência de autonomia e liberdade. As categorias que emergem da obra, visando “libertar a dialética de uma tal natureza afirmativa, sin perder lo más mínimo en precisión” (Adorno, 1975, p. 7), questionam a dialética da identidade empreendida por Hegel e estabelece modelos para uma metacrítica da razão prática, mapeando o estado de submissão da filosofia a ideia de conceito universal.

Tais princípios atribuem à atualidade uma responsabilidade histórica à teoria crítica, de insistir em reelaborar o passado, pois nesse processo, se deterá sobre as contradições, que é o material primordial da dialética. A ela compete atualizar o que é impossível, senão, não faria sentido seu exercício.

Se a atualização é necessária é porque há uma reconfiguração das possibilidades de existência dessa forma de pensamento. Esse é um elemento muito importante, pois todo o movimento próprio da dialética é um movimento de emergência, do que apareceu como impossível. Mas ao emergir, ele modifica radicalmente e retroativamente todos os outros elementos da existência. Daí a ideia de totalidade, não como a descrição do sistema estável, mas como possibilidade de um movimento de modificação geral. Por que totalidade? Para que não se tenha uma descrição autárquica ou desconexa dos particulares.

Os elementos do presente são contingentes. Eles podem até estabelecer relações, mas são relações completamente laterais. Importante que a totalidade apreça como essa espécie de inscrição retroativa, redescrição temporal. Essa processualidade da totalidade não é só processualidade por vir, mas também retroativa. Adorno chega a ideia de totalidade pensando a forma musical, quando ele generaliza a forma musical para dentro do *establishment* filosófico, pois é nesse campo que ele dá forma à sua expressão filosófica.

É necessário pensar uma forma. Os acontecimentos não são determinados pela estrutura prévia das regularidades, ou seja, a forma vai se constituindo em processo. Isso significa que cada elemento que aparece, modifica o processo completo de elaboração e reordena os sentidos. Essa é a noção de totalidade, porque, em última instância, a noção de totalidade tem como função impedir que a existência se dissolva em um feixe de elementos desconexos, o que seria um atentado à ideia de diferença.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Dialectica Negativa**. Versão espanhola de José Maria Ripalda. Madrid: Taurus, 1975.

ADORNO, Theodor W. **Dialética Negativa**. Tradução Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

SAFATLE, Vladimir. **Dar corpo ao impossível**: o sentido da dialética a partir de Theodor Adorno. Belo Horizonte: Autêntica, 2019

Recebido em: 03/02/2022

Aprovado em: 05/03/2022

Publicado em: 10/03/2022